

## HOMENAGEM

### O QUE APRENDI COM FREDRIC JAMESON<sup>1</sup>

Fabio Akcelrud Durão<sup>2</sup>



Em 14/05/2022, Octavian Esanu me enviou um email. Ele estava editando um livro com a transcrição de uma disciplina que Fredric Jameson ofereceu no primeiro semestre de 2003 sobre a *Teoria Estética*, de T. W. Adorno, e queria a minha ajuda para decifrar vários trechos que se mostravam incompreensíveis na gravação em cassete. Eu havia defendido o doutorado no começo de março sob a orientação de Frank Lentricchia e do próprio Jameson, que, aparentemente satisfeito com o trabalho, me convidou para apresentar um seminário sobre a minha tese em seu curso, o que

---

<sup>1</sup>Texto Clássico recebido em 23/03/2025. Aprovado pelas editoras 25/04/2025. Publicado em 03/12/2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i52.67085>

<sup>2</sup>Doutor em Literatura, Literature Program, Duke University. Professor Titular do Departamento de Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo - Brasil. Email: [fadurao@unicamp.br](mailto:fadurao@unicamp.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1811860017500840>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0098-6362>. Gostaria de agradecer a André Cechinel pela cuidadosa leitura e pelos comentários à primeira versão deste ensaio.

aconteceu no dia 18 daquele mês<sup>3</sup>. A experiência rememorativa foi horrível: ouvir a minha voz de 20 anos antes, com um inglês claudicante, sem nenhuma experiência de falar em público (nem sequer agradeci a Jameson pelo convite), e, acima de tudo, perceber como estava nervoso (muito mais do que na própria defesa) – tudo isso me fez seriamente considerar proibir a publicação. O livro saiu em março de 2024 como *Mimesis, Expression, Construction: Fredric Jameson's Seminar on Aesthetic Theory*, um tijolo de 750 páginas. Ao ler a voz transformada em letra, algo do incômodo atenuou-se<sup>4</sup>. Esanu adotou uma estratégia interessante de apresentação: diferente de outras transcrições de cursos, como as de Adorno, Foucault ou Derrida, não procurou esconder as discontinuidades que circundam o espaço concreto da sala de aula. O livro não apenas o texto usa um aparato de marcação teatral, com descrição de cenários, rubricas e diálogos, o que incentiva a imaginação, como também registra inúmeras lacunas, hesitações, interrupções, balbucios e silêncios (curtos e longos) tanto na fala de Jameson quanto de seus alunos. Além disso, a inserção de imagens, desenhos e partituras no texto ajuda a desfazer a impressão de imediatez dessas vozes desformatadas na materialidade do livro como objeto. Tal experiência dupla, a da rememoração de um evento tão importante em meu processo de formação, conjugada com a leitura de um volume tão singular, já me despertara vontade de escrever, porém, com o falecimento de Jameson em 22 de setembro de 2024, aos 90 anos, a necessidade de organizar sentimentos em palavras tornou-se premente<sup>5</sup>. As circunstâncias, no entanto, motivaram um projeto diferente de escrita: não um artigo (mais um!)<sup>6</sup>, sobre esse grande teórico e crítico, nem tampouco mais um encômio depois de sua morte, pois já há vários excelentes disponíveis *online*, mas um retrato de memória, por assim dizer, um quadro no qual obra, pessoa desenhada e

---

<sup>3</sup> *Modernism and Coherence: Four Chapters of a Negative Aesthetics* foi publicada pela Peter Lang, em 2008, em português, pela Nankin, em 2012. Os outros membros da banca eram Gerhard Schweppenhäuser, Ian Baucom, Kenneth Surin e Michael Hardt.

<sup>4</sup> Minha fala está nas páginas 414-429.

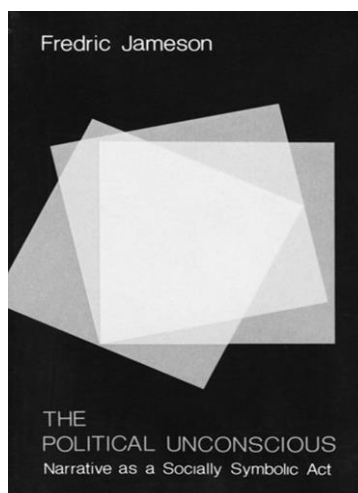
<sup>5</sup> Permita o leitor uma digressão: valeria a pena propor o conceito, e desenvolver uma teoria, do gatilho de escrita. A hipótese de base aqui é a de que a composição começa antes de se pegar o papel, ou ligar o computador, e que poderíamos construir uma definição do *ethos* burocrático a partir da autoimposição subjetiva vazia para se lançar à escrita. A bem da verdade, este não é o verbo mais adequado, porque neste caso tratar-se-ia menos de uma entrega do que de uma decisão impositiva, o que obviamente se reflete na forma do texto. A rigidez do propósito leva à concatenação impiedosa de argumentos; ela nunca conceberia, por exemplo, uma digressão em nota de rodapé.

<sup>6</sup> Com efeito, a bibliografia existente dedicada a Jameson está se tornando extensa. Para ficar somente no âmbito dos livros, podemos mencionar Dowling (1984), Homer (1998), Roberts (2000), Hardt & Weeks (2000), Kellner, & Homer (2004), Irr & Buchanan (2005), Buchanan (2006), Tally Jr., (2014), Wegner (2014), Burnham (2016).

desenhador se misturem, em um texto em que, sem pretensão de rigorosa objetividade factual, a sempre enganosa imediatricidade do passado vivido coexista com o trabalho de reflexão e elaboração conceitual.

## I. Jameson como objeto

Meu primeiro contato com Jameson se deu em 1988, na biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), em Copacabana. Eu fazia o *Teacher's Training Course* e cursava uma disciplina de introdução à teoria literária sob a responsabilidade de Stephen Berg, na qual lemos o famoso guia de Terry Eagleton *Literary Theory: An Introduction*, antes de ele ter se tornado tão conhecido por aqui. Foi na biblioteca do IBEU onde, por acaso, tirei da prateleira *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act* (1981). Nunca ouvira falar no autor e não tinha referência prévia alguma; o volume me chamou a atenção primeiro pelo ambicioso título, que continha nada menos que seis palavras decisivas, pertencentes a campos semânticos díspares: “política”, “social”, de um lado, “narrativa” e “simbólico”, de outro, “inconsciente”, de um terceiro lado, e “ato”, que pode ser visto como esfera à parte, ou, mais no espírito da obra, pertencendo a todos eles. Depois, atraiu-me a capa: a austeridade geométrica em fundo preto sinalizava algo importante, a abstração modernista sugeria ao mesmo tempo uma recusa do mundo concreto e a possibilidade de captá-lo no que tivesse de mais nuclear, por meio da redução formal, que por sua vez necessitava de uma teoria. Os quadrados em rotação sugeriam um movimento de circularidade que contrastava com os ângulos retos...



Finalmente, mas não por último, fui capturado pelo cheiro extremamente agradável; não sei se por causa do papel, ou das condições da biblioteca, ele parecia ser diferente do dos livros brasileiros. Seja como for, sublinhemos aqui o caráter fortuito, desinteressado e casual desse encontro, o justo contrário daquele permeado de intenção e autointeresse da pessoa “antenada”, preocupada de antemão com o capital simbólico do autor, que precisa determinar se dado indivíduo está *in* ou *out* no mercado da cultura (incluindo o mercado de futuros) para decidir se é vantajoso investir tempo nele. Li o livro todo, e não entendi nada – por força de expressão, sem dúvida, porque, na realidade, compreendi mais do que suficiente: posso não ter captado inúmeras referências e articulações conceituais, para não mencionar os problemas com a decifração do inglês e das frases épicas de Jameson<sup>7</sup>, mas *percebi que havia alguma coisa ali*. Ao menos algo daquilo que alimentava o impulso da obra eu conseguia vislumbrar; em especial, me impactou o modo jamesoniano de mobilizar a teoria como instrumento composicional, como material para a construção argumentativa, mesmo sem ter muita noção do que pregavam, especificamente, os diversos corpos teóricos discutidos. De qualquer maneira, foi justamente essa combinação de dificuldade e intuição (inclusive mimética) de sentido textual que me inquietou e me impulsionou ao estudo. Registremos agora, portanto, a produtividade da não-compreensão, que ademais nunca é absoluta, e a sua função decisiva na composição do desejo intelectual. De novo, tratava-se do oposto do sujeito cheio de si, com seu lugar de fala e suas certezas.

Quando ingressei no curso de Português-Inglês da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1991, já tinha uma boa noção do campo da teoria e dos estudos literários, e hoje percebo que isso representa algo bastante inusual nos cursos de Letras no Brasil. Diga-se de passagem, este é um problema que os Estudos Literários não enfrentam adequadamente: a imensa maioria dos ingressantes no ensino superior não sabe o que é o curso; existe um fosso enorme entre a representação social das Letras (quando ela existe), e a aquilo que se faz na universidade, não apenas quanto à dinâmica de estudo e pesquisa, mas em relação à própria forma de pensar a literatura. Obviamente faltam estudos empíricos (outra fragilidade da área), mas minha aposta é a de que os alunos entram na faculdade

---

<sup>7</sup> Gosto da ideia, que mereceria desenvolvimento, de que a teoria recupera o épico na época de sua inviabilidade literária – Jameson como uma espécie de Virgílio ou Camões da teoria.

esperando que ela seja uma espécie de extensão do ensino médio, com aulas de gramática e estilos de época, só que mais difíceis. Seja como for, na graduação continuei lendo Jameson por conta própria, e tiveram grande impacto em mim *Marxism and Form* (1971), *The Ideologies of Theory* (1988) e *The Prison-House of Language* (1972). Através do primeiro, tive acesso a uma exposição brilhante, talvez a melhor introdução existente ao chamado marxismo ocidental. Adorno, Benjamin, Marcuse, Bloch, Lukács, Sartre: a riqueza das perspectivas, a exuberância da imaginação crítica e conceitual em cada um, as várias discordâncias e ferozes desentendimentos, cujo ponto de encontro, porém, residia (em última instância) no desejo de abolição da desigualdade e supressão da carência humana – enfim, essa multiplicidade estonteante em um projeto que era no fundo único me fez perceber como é estranho o uso do singular, como se o marxismo fosse uma coisa só<sup>8</sup>. Até hoje me causa um zumbido no tímpano, e um embrulho no estômago, ouvir discussões sobre, ou ataques contra, o marxismo, como se ele fosse plenamente idêntico a si mesmo – assim como, é bem verdade, muitos marxistas se referem ao “pós-modernismo” ou ao “pós-estruturalismo” como monolitos, algo que Jameson nunca faria. Em *The Prison-House of Language*, por outro lado, encontrei uma leitura dialética do estruturalismo que chamava a atenção para a incompatibilidade incontornável entre tempo e sistema. Ou o tempo é resultado da articulação interna dos elementos do sistema, ou é este último que se encontra assujeitado a ele, transformando-se imprevisivelmente; as tentativas de articulação e conciliação entre ambos acabam pagando um preço, seja em rigor, escopo, penetração ou capacidade de persuasão. Mais ainda: o próprio aparato conceitual, a própria terminologia do estruturalismo já traz consigo essa perspectiva em relação ao tempo e à linguagem. “Referente”, por exemplo, não é uma noção neutra, pois aponta para uma separação intransponível entre língua e coisa, ao passo que toda a tradição dialética se baseia em alguma relação possível, por mais problemática que seja, entre consciência e objeto, palavra e coisa. Vem daí a centralidade do conceito de *mimesis* em Adorno, bem como a preocupação com a forma de exposição do pensamento, a escrita como processo composicional – e não como relatório científico. Naquela época apenas intuía o que hoje me é claro: que a

---

<sup>8</sup> Hoje percebo que isso inspirou a ideia central de minha resenha, no doutorado (Durão, 2000), de *Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX*, um livro que articula de modo lapidar, porém involuntário e inconsciente, o que dá ainda mais veemência, a dialética de unidade e multiplicidade no socialismo.

naturalização do vocabulário estruturalista (significante, sincronia, sintagma, *langue*, sistema etc.), como se ele fosse simplesmente natural, cobra um preço ao pensamento, porque dificulta a concepção da obra literária como artefato autárquico, autorregulado, uma coisa feita de palavras regida por suas próprias leis<sup>9</sup>. O que aprendi com os dois volumes de *The Ideologies of Theory* não foi menos decisivo. De novo, não compreendia plenamente tudo o que estava em jogo, mas intuía a proposta de “Metacommentary”, o ensaio de abertura do livro, talvez o texto metodológico-chave de Jameson. Para dizer sucintamente, a teoria era colocada na posição de *objeto* interpretativo. O giro é fundamental: em lugar de um simples instrumento (i.e. operacional, e justamente por isso idêntico a si próprio), a teoria passava a ser concebida como algo a ser interpretado, o que significava conferir a ela densidade e opacidade, assumir que ela não era senhora de si, mas podia guardar ambiguidades, pontos cegos, silenciamentos etc. que se prestavam à investigação<sup>10</sup>.

Em setembro de 1998 defendi a dissertação de mestrado “*Uma leitura da dialética e a dialética do texto: duas posições no debate da teoria literária contemporânea*” no Programa de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Jameson ocupava uma posição central na formulação do trabalho. Diz o resumo do trabalho: “A presente dissertação constrói um *agon* teórico. No primeiro capítulo, a desconstrução lê *O Inconsciente Político*, de Fredric Jameson, visando mostrar como o autor desenvolve uma noção de textualidade incompatível com o marxismo que sustenta. Para tanto, a argumentação ressalta um uso reificado do conceito de reificação, e o desenvolvimento de um aparato hermenêutico movido por uma lógica onírica. No segundo capítulo, há o contrário: a noção pós-estruturalista de texto é analisada, em *O prazer do texto*, de Roland Barthes, como um estágio último do Esclarecimento na linguagem, que gera um terror indiferenciado a partir da racionalidade mais extrema, e como uma fase específica do capitalismo tardio. No terceiro capítulo, ambas as posições são medidas através do confronto com o texto literário como lugar de negatividade. Não há conclusão.” Como se vê, a ideia tinha algo de mirabolante:

---

<sup>9</sup> Vale perceber também a ironia (ou a sutil contradição performativa) aqui, uma vez que a automatização desse léxico acaba fazendo com que as pessoas se relacionem com essas palavras como se elas fossem transparentes, como se pertencessem ao mundo natural e designassem coisas em si, justamente o contrário da arbitrariedade do signo que está na base da visão de mundo estruturalista.

<sup>10</sup> Desenvolvi essa ideia em *Teoria (literária) americana* (2011), “Responsible Reading of Theory” e “Três Ideias e uma Aposto sobre a Teoria Literária no Brasil” (2024).

construir duas *personae* teóricas em um embate crítico sem um fechamento no nível do enunciado, que abria o debate para o plano da enunciação, no caso, o da própria defesa. Na dissertação acaba transparecendo uma clara predileção por Adorno (o segundo capítulo é bem mais forte que o primeiro), mas a inspiração, a ideia de posições na teoria, é nitidamente jamesoniana.

## II. Fred e a objectualidade

Se abusei da paciência do leitor, me permitindo até aqui focar tanto na primeira pessoa, foi para mostrar o quanto Jameson se confundiu com o meu processo de formação e quão impactante foi ter sido aceito no *Literature Program* para estudar com ele. Além da dificuldade inerente ao aprendizado em qualquer lugar, a concentração para a leitura, a briga com a escrita para ordenação das ideias e para o surgimento de algo que se pareça com estilo – além disso, encontrei outros três empecilhos, inusitados, naquele contexto. Em primeiro lugar, a luta contra a síndrome de vira-lata: embora as primeiras construções da Duke University datem de 1892, a Duke Chapel, o *trademark* da universidade bem como o West Campus, foram inaugurados em 1930, em estilo gótico, como se fossem Oxford. Para alguém vindo do Brasil, é muito fácil se deixar intimidar. Se, na UFRJ, o papel higiênico tinha que ser trazido de casa, e usar os banheiros exigia coragem, na Duke o sabão tinha cheiro de amêndoas. Os jardins eram lindos, todos os ambientes eram climatizados, havia concertos de órgão na igreja, um ótimo museu – e assim por diante... Pode parecer estranho dizer isso, mas representava um gesto de força psíquica e maturidade intelectual familiarizar com isso, naturalizar esse ambiente como um lugar comum, sem se sentir inexoravelmente inferior a ele, nem, por outro lado, se achar superior aos “reles” brasileiros por participar dessa riqueza: em suma, nem complexo de inferioridade, nem arroubos de arrogância. O espírito crítico ajudou bastante nessa ocasião, por exemplo, ao detectar algo de Disneylândia no gótico deslocado, ou na flagrante discrepância (e tensão racial) envolvendo os paparicados *undergrads* brancos e os negros, quase todos trabalhadores, motoristas, jardineiros, faxineiros. Acima de tudo, porém, estava a consciência de que a Duke University, uma universidade privada, era – ainda é, e talvez mais ainda – regida por princípios administrativos que não diferem muito da lógica empresarial *tout court*: não ser

deficitária financeiramente e gerar lucros, pelo menos de seu capital simbólico. As mensalidades caríssimas, praticamente obscenas<sup>11</sup>, a tornam inacessível para o americano médio, a não ser que se endivide bastante. E, do ponto de vista da administração, sua instância máxima, o *board of trustees*, tem parca representação docente e da comunidade, fazendo com que a instituição deixe muito a desejar quanto à democracia e à participação de professores e alunos nos processos decisórios. Eis então que, numa virada dialética, a UFRJ com os seus banheiros fétidos aparece agora como um local muito mais humano para o convívio com o saber, muito mais ligado à comunidade e à realidade da vida social do que a bilionária Duke. A universidade brasileira é infinitamente mais coletiva, mais porosa que a norte-americana. Em que pesem nossas lamúrias, é um lugar mais feliz.

Também pode parecer estranho este outro tipo de empecilho: no *Literature Program*, à época, todos os professores, se não eram líderes de suas áreas, ao menos gozavam de excelente reputação, como Frank Lentricchia, Michael Hardt, Walter Dignolo, Alberto Moreiras, Janice Radway, Toril Moi, Susan Willis, Barbara Herrnstein Smith, Ariel Dorfman, Valentin Mudimbe, Jane Gaines, Ken Surin, entre outros que agora me fogem à memória. Some-se a isso bibliotecas que fecham às 2h da manhã e que disponibilizam *qualquer* livro que se queira, seja via acervo, seja por *interlibrary loan*; eventos os mais diversos e em ritmo intenso, englobando as mais variadas áreas das humanidades; possibilidades de financiamento de viagens para congressos – ao levar tudo isso em consideração, é fácil surgir o pânico da proximidade da realização do desejo. Diferentemente do que pode parecer, a possibilidade concreta de sua realização não é simplesmente positiva, mas pelo contrário traz consigo algo de ameaça. Se não conseguisse escrever a tese, não teria em que pôr a culpa, senão em mim mesmo. Combinada com o complexo de vira-lata, a angústia da conquista pode ter um efeito paralisante e destrutivo; o remédio para evitá-la, porém, não é complicado e consiste tão-somente na ação, no trabalho, sair do âmbito do imaginário e da ideação para mergulhar nos estudos, em outras palavras, viver o objeto de investigação.

A terceira adversidade, contudo, era a mais delicada. Como transformar aquele pensamento tão vigoroso, aquela fonte de inspiração, princípio teórico norteador, em

---

<sup>11</sup> Para fazer a graduação na Duke, hoje, em qualquer curso, é necessário por volta de US\$ 61.000 por ano. A um câmbio de R\$ 5,70 por dólar, os quatro anos de curso saem pela bagatela de aproximadamente R\$ 1.390.800,00.

suma, um corpo textual tão impregnado de desejo em um ser humano? Foi o que me veio à mente na primeira aula de Jameson que assisti, no segundo semestre (Fall) de 1998: andando de um lado para outro na sala, estava o meu objeto de estudo, uma obra ambulante, com todas as conotações de transcendência que a ideia de obra inevitavelmente carrega. Seria complicado realizar essa transição, perfurar as camadas do prestígio, do capital simbólico, ou do *status* de celebridade (nos EUA, professores famosos são chamados de *stars*) para encontrar o ser humano, a pessoa de carne e osso. Em suma, como desmistificar Jameson? – A resposta: nada mais fácil, porque Jameson não era Jameson, mas Fred. Ele era uma pessoa e qualquer um que se aproximasse dele com a reverência que seu nome invocava dava-se rapidamente conta do ridículo, e quanto mais insistisse na adoração, mais risível a pessoa se tornava – ao menos para os outros que testemunhavam a cena. Não se tratava de falsa modéstia, timidez ou algum problema de sociabilidade, mas de uma *postura*, que para mim representou uma lição enfática. Não me lembro de jamais ter ouvido Fred falar bem de si, ou mesmo de se autorreferenciar, de colocar o “eu” em uma posição proeminente em seu discurso<sup>12</sup>. Daí o aprendizado: o narcisismo representa um dispêndio desnecessário de energia, um afastamento em relação aos objetos, que são o que importa<sup>13</sup>. Com efeito, em várias discussões Fred demonstrava desprezo por qualquer gesto de favorecimento do indivíduo. Não me lembro de ter lido isso, mas me recordo dele várias vezes se referindo negativamente à filosofia moral, do modo como era tratada pela tradição analítica norte-americana; também não me esqueço de quando, brincando, defendeu uma moratória para o uso da palavra “corpo”: cinco anos sem que ninguém a usasse, para que depois desse período de silêncio pudesse significar alguma coisa.

Imagino que esse apagamento do ego como pré-condição para uma relação adequada com os objetos esteja na base de uma qualidade excepcional de Fred Jameson, que tem sido repetidamente salientada nas recentes homenagens

---

<sup>12</sup> Para ser preciso, me recordo de uma ocasião, em umas das festas anuais de boas-vindas aos novos alunos, em sua casa (no campo, cheia de animais), quando mostrava com alegria um artigo que saíra em Cuba. Seus olhos brilhavam, mas não era por si próprio (o que é um artigo diante de tantos livros?), mas pelo país, pela interlocução com os cubanos, as discussões que já estavam em curso e a perspectiva de futuras – trocando em miúdos, a participação no socialismo.

<sup>13</sup> Quantas vezes não dei gargalhadas interiores ao encontrar professores plenos de si, de ego gigante e asfixiante, mas que intelectualmente não passam de lêndeas acadêmicas quando comparados ao Fred.

póstumas: sua espantosa generosidade intelectual.<sup>14</sup> Ela se manifestava das mais diversas maneiras, como na atenção que dava às falas dos alunos em aula, ou na disponibilidade para receber pessoas em suas *office hours*, que ele cumpria de bom grado<sup>15</sup>, e que estavam abertas inclusive para não matriculados nos seus cursos<sup>16</sup>. Por algum motivo, na época não me chamou a atenção, mas hoje me espanto e me encho de admiração quando me recordo de uma ocasião quando um aluno arrogante criticou um livro do Fred em uma aula; ele ouviu a intervenção sem qualquer mudança no olhar e respondeu objetivamente, como se estivesse falando da obra de outra pessoa. Em sua prática docente, me recordo ainda de uma estratégia que mais tarde procurei copiar: para não desmerecer o interesse do aluno que interrompia sua exposição com uma pergunta sem sentido, Fred agradecia pela intervenção, tomava o conteúdo apresentado, e, por mais estapafúrdio que fosse, o inseria em uma cadeia associativa, propunha uma série de mediações, que permitiam que retomasse o raciocínio em curso. O aluno perguntador não era humilhado – sua incompreensão poderia até mesmo se dissipar com a recondução interpretativa (digamos assim) de Fred – e para outros restava o prazer de ver o trabalho crítico-imaginativo que punha em prática ao levar a sério a contribuição do aluno bem-intencionado.<sup>17</sup>

Não se deve imaginar, porém, que a generosidade decorresse de pusilanimidade ou implicasse em qualquer medida um enfraquecimento da personalidade; pelo contrário, ele surgia como um meio de seu fortalecimento. Por exemplo: em 2001, ganhei uma bolsa do *Literature Program* para frequentar a *School of Criticism and Theory*, na *Cornell University*. Era o ano dos marxistas: Perry Anderson, Susan Buck-Morss, Jacques Rancière (*cum grano salis*), além do próprio

---

<sup>14</sup> É o que se encontra, por exemplo, em: <https://spectrejournal.com/the-generosity-of-fredric-jameson/>; <https://french.yale.edu/yale-french-studies/fredric-jameson-tribute>; <https://jacobin.com/2024/09/fredric-jameson-philosophy-marxism-obituary>; [https://www.versobooks.com/en-gb/blogs/news/fredric-jameson-1934-2024?srltid=AfmBOoor9DuH6\\_EQP6RCewTPBLjiR0YaogjsHpVuqnhNVPo4tV-diKTB](https://www.versobooks.com/en-gb/blogs/news/fredric-jameson-1934-2024?srltid=AfmBOoor9DuH6_EQP6RCewTPBLjiR0YaogjsHpVuqnhNVPo4tV-diKTB); <https://www.washingtonpost.com/books/2024/09/25/fredric-jameson-appreciation-postmodernism/>.

<sup>15</sup> Isso contrasta agudamente com uma história que circulava *no Literature Program*, cuja veracidade nunca consegui confirmar, segundo a qual Žižek, quando foi professor visitante da Duke, preenchia com nomes fictícios o formulário do horário de atendimento, de modo a não ter que se encontrar com ninguém.

<sup>16</sup> Um ponto de frequente tensão com os administradores da universidade era a hospitalidade de Fred, em suas aulas, para alunos não matriculados. Sendo uma instituição privada, a Duke dá muita importância para a rentabilidade dos cursos. Cada ouvinte não registrado significava menos dinheiro em sua conta bancária.

<sup>17</sup> Vai aqui no rodapé a observação de que a generosidade de Fred também se dava em relação às notas. Diferentemente de outros docentes, que parecem competir com alunos e reservam o 10 para si mesmos, ele não tinha problema em dar “A” e mesmo “A+”, que era recusado por princípio por alguns de seus colegas. (Sim, ele me deu um “A+” em um curso.).

Fred, entre outros, davam palestras e ofereciam cursos. A nota politicamente destoante foi dada na palestra de Deirdre McCloskey, que, baseando-se na teoria das virtudes de Adam Smith, defendia a superioridade do liberalismo, baseado na prudência, sobre o socialismo, calcado na esperança. Fred fez uma pergunta (se não me engano a respeito da historicidade da ideia de virtude como categoria moral, ou sobre o uso reificado do conceito de sistema político...), e saiu antes de acabar a resposta – e com razão.

Como é possível inferir de tudo isso, a dinâmica de desinvestimento do/no eu, a abertura para os objetos e a generosidade intelectual são simplesmente modos diversos de designar a mesma postura intelectual. E é ela que fornece o pano de fundo para aquilo que julgo ser o traço mais singular do pensamento de Jameson, pois julgo ser ele único em sua capacidade de aliar uma erudição humanística ampla, à *la* Auerbach (que foi seu orientador), que praticamente não existe mais, aos mais diversos objetos de cultura, em seu sentido mais amplo. Uma frase de Colin MacCabe tornou-se merecidamente célebre: “nothing cultural is alien to him.”<sup>18</sup> Para Jameson, *Der Zauberberg*, de Thomas Mann, e o filme *Tubarão* (1975), por exemplo, podiam habitar o mesmo espaço mental. Fred ignorava assim as divisões intelectuais entre alta e baixa cultura, não respeitava as delimitações de áreas, e desprezava o ideal do especialista. Tudo isso, é claro, como manifestações de uma *prática* acadêmica que visava não apenas produzir leituras socialmente reveladoras da cultura, mas também demonstrar a superioridade do marxismo como forma de pensamento transformador.<sup>19</sup>

### III. O Legado de Fred Jameson

Não é fácil homenagear um grande pensador sem inseri-lo em uma lógica monumentalizante, que confere àquilo que nos deixou o estatuto de patrimônio, algo a ser admirado, mas por isso mesmo deixado intacto. Isso causaria horror a Fred Jameson. Para evitar a reverência paralisante vale a pena pensar no seu legado como

---

<sup>18</sup> Colin MacCabe, “Preface,” in Fredric Jameson, *The Geopolitical Aesthetic: Cinema and Space in the World System* (Bloomington: Indiana University Press, 1992), p. ix.

<sup>19</sup> Fred tinha muito carinho pelo Brasil e em várias conversas pude perceber que tinha uma visão bem mais positiva a respeito do futuro do país do que eu. Talvez isso se devesse ao passado de luta e à forte cultura de esquerda entre nós, não apenas na universidade; seja como for, aquilo que me parecia na época uma concepção idealizada, mostra-se como mais realista, hoje, quando comparado com os Estados Unidos.

um presente, dom ou dádiva que nos é deixado para nosso uso, o que no caso envolve diversas dimensões:

1. uma gama de conceitos novos, dos quais pós-modernismo é somente o exemplo mais contundente. Embora vários outros autores o tenham discutido, a versão jamesoniana mostrou-se a mais potente e duradoura;
2. novas problemáticas, como a questão do espaço no capitalismo tardio;
3. uma nova formação discursiva, a da Teoria, da qual Jameson possivelmente tenha sido o mais típico representante;
4. uma forma peculiar de escrita, que não respeita distinções de áreas, nem de registros, que faz dos objetos teorias e das teorias objetos. Um estilo de frases longas, mediadas por saltos de mediações (incluindo os famosos “meanwhile” jamesonianos), e gestos amplos;
5. uma prática de *crítica* literária que coexiste sem problemas com as elaborações teóricas, que abarca uma gama enorme de escritores (desnecessário listar aqui), e que inclui, no caso de Wyndham Lewis, o principal livro da fortuna crítica de um autor;
6. uma coerência admirável entre preocupações intelectuais e políticas; uma perseverança e firmeza na sustentação do marxismo como abordagem fundamental para a compreensão da cultura e da sociedade no projeto urgente de superação do capitalismo.

Esta lista não pretende ser exaustiva e poderia sem dúvida haver ainda outros elementos no legado de Fred Jameson; ela é suficiente, no entanto, para não apenas delinear aquilo que nos deixou, e que cumpre de um modo ou de outro assimilar, mas também para me permitir enfatizar uma ideia que já apareceu aqui e que só a prática da escrita me permitiu discernir, algo que tive o privilégio de testemunhar como aluno e orientando: o que Fred Jameson me ensinou, em conjunção com todo esse imenso saber multifacetado (de conceitos, campos, método, escrita etc.) foi uma *postura* em relação ao saber, uma disposição que mescla desinvestimento do eu e abertura para o outro como pilares do rigor e da ação – a teoria e a crítica como uma forma de vida, enfim. Foi isso que de algum modo norteou a minha própria prática acadêmica, ainda que eu tenha necessitado deste texto meio autobiográfico e desta homenagem tardia para me dar conta disso.

## Referências

BUCHANAN, I. **Fredric Jameson: Live Theory**. New York: Continuum, 2006.

BURNHAM, C. **Fredric Jameson and The Wolf of Wall Street**. Nova York: Bloomsbury, 2016.

DOWLING, W. C. **Jameson, Althusser, Marx: An Introduction to The Political Unconscious**. Ithaca: Cornell University Press, 1984.

DURÃO, F. A. Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX (review). **Nepantla: Views from South**, Volume 1, Issue 2, Duke University Press, 2000, pp. 445-449.

DURÃO, F. A. **Modernism and Coherence: Four Chapters of a Negative Aesthetics**. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 2008.

JAMESON, F. **Marxism and Form**. 20th-Century Dialectical Theories of Literature. Princeton: Princeton University Press, 1971.

JAMESON, F. **The Prison-House of Language**. A Critical Account of Structuralism and Russian Formalism. Princeton: Princeton University Press, 1975.

JAMESON, F. **The Political Unconscious**. Narrative as a Socially Symbolic Act. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

JAMESON, F.. **The Ideologies of Theory**. Essays. 1971-1986. Volume 1. Situations of Theory. Minneapolis: Minnesota University Press, 1988.

JAMESON, F. **The Ideologies of Theory**. Essays. 1971-1986. Volume 2. Syntax of History. Minneapolis: Minnesota University Press, 1988.

JAMESON, F. **Late Marxism: Adorno, or, the Persistence of the Dialectic**. Londres: Verso, 1990.

JAMESON, F. **Postmodernism; or, the Cultural Logic of Late Capitalism**. Durham/NC: Duke University Press, 1991.

JAMESON, F. **Signatures of the Visible**. Londres: Routledge, 1992.

HARDT, Michael & Kathi WEEKS (eds). **The Jameson Reader**. Oxford: Blackwell, 2000.

HOMER, S. **Fredric Jameson: Marxism, Hermeneutics, Postmodernism**. Cambridge: Polity Press, 1998.

IRR, C & BUCHANAN, I (eds.). **On Jameson: From Postmodernism to Globalization**. Albany: State University of New York Press, 2005.

KELLNER, D. & HOMER, S. **Fredric Jameson: A Critical Reader**. Londres: Palgrave, 2004.

MACCABE, C. "Preface". In: **Fredric Jameson, The Geopolitical Aesthetic: Cinema and Space in the World System**. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

ROBERTS, Adam. **Fredric Jameson**. Londres & Nova York: Routledge, 2000.

TALLY Jr. & Robert, T. **Fredric Jameson: The Project of Dialectical Criticism**. Londres: Pluto Press, 2014.

WEGNER, P. E. **Periodizing Jameson: Dialectics, the University, and the Desire for Narrative**. Chicago: Northwestern University Press, 2014.